Vivência do Adeus com a Palhaça Leila

Por Simone Carleto Fontes[1]

Ao adentrar o espaço cênico, temos uma arena circular no centro do palco, com lâmpadas de ribalta e flores. Uma cadeira e uma decoração que remete a algo como um funeral cabaré. A cenografia foi criada por Thiago Capella Zannota, o que garante metalinguagem e funcionalidade à encenação, no espaço que narra a vida e a morte, ao mesmo tempo que assinala o teatro e a comédia como formas ancestrais e mundanas de refletir sobre a tragicomédia humana.

A canção que recebe o público é *The End*, da banda The Doors, que diz algo como "Este é o fim, linda amiga/Este é o fim, meu único amigo/O fim dos nossos planos elaborados/O fim de tudo o que existe[...]". Bem ao estilo de adeus a uma palhaça cheia de vida e sensualidade. Leila Simplesmente Leila está entre a vida e a morte. Ao tentar fugir do que a espera, ela acaba trazendo uma convidada inesperada para a noite. Ao lidar com seu apego, convida o público a fazer o mesmo e, como em um ritual, tentarão juntos aprender a dizer “adeus”.

Com idealização, dramaturgia e atuação de Bárbara Salomé, direção e dramaturgia de Rafaela Azevedo, o espetáculo *Não aprendi dizer adeus* tem figurino de Fagner Saraiva e criação de peruca por Erick Malccon. A aparência de Leila Simplesmente Leila é encantadora, com saia de veludo, blusa decotada, sapatos com saltos quadrados, maquiagem brilhante e cabelos ruivos volumosos e encaracolados. O desenho de luz é assinado por Julia Orlando e a operação de Luz por Violetta Chagas. A iluminação garante nuances dramáticas durante a narrativa entre a vida e

[1] Mestre, doutora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo. Professora do curso de Teatro na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Unesp - SP. Professora Formadora e Conteudista do curso de Licenciatura em Teatro a Distância da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Jurada de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes..

morte, garantindo climas de tensão, suspense, euforia e reflexão. Destacam-se os efeitos coloridos das flores intercaladas com as luzes de ribalta que formam o círculo do jogo-funeral. A criação sonora é de Monique Salustiano e a operação de som e direção de palco por José Sampaio. Com canções *rock and roll,* badaladas, Bárbara Salomé desenvolve performances como Leila, cheias de vigor e contracenação cômica.

A música *Should I Stay Or Should I Go,* Devo Ficar Ou Devo Ir? e *Highway To Hell,* Estrada Para o Inferno, embalam partituras de ações que envolvem o público ritmicamente nos momentos que seriam o auge da vida de Leila, após suplicar por um pouco mais de luz e vida à Senhora Morte, personagem oculta à espreita, habitando o teatro do início ao fim da encenação. Durante *Should I Stay Or Should I Go,* Leila tem um funeral à altura de grandes ícones do *rock ,* com *Open Bar*, alucinógenos, luzes e movimento. Leila dança, pula, brinca, sensualiza e se diverte loucamente em seus momentos finais. Em seguida, em *Highway To Hell,* os prazeres sexuais são trazidos como ápice da energia vital transformadora e que funciona como portal ao êxtase, ao esbanjamento, e ao gozo do orgasmo, quase cósmico, que a leva a gritar juto com a música, culminando no desmaio arrebatador da "pequena morte".

No epílogo, vem o falar sobre, no qual, após risos e gargalhadas, Bárbara Salomé transforma o tom e passa a dialogar com o público sobre perdas de entes queridos, sobre o que faria se só restasse um dia, o que poderia ser dito para alguém que partiu...As pessoas ficam visivelmente emocionadas e o riso que possibilitou o contato natural com o processo de vida e morte se transforma em emoção, demonstrando na prática como o efeito do riso é coletivo e como evoca o senso crítico, o que de forma alguma nega a emoção. Simultaneamente, inverte uma falsa noção de importância que indivíduos têm acerca de seus lugares no mundo competitivo capitalista pequeno-burguês, tão propagado pela classe média.

O minimalismo da cena final, quando Leila pede ao público que conte até 20 de olhos fechados e deixa pendurado apenas o nariz de palhaça, dita a menor máscara, com um foco de luz que vai cada vez mais fechando nele, grifa o poder revolucionário da palhaçada e de como uma efemeridade como cada sessão de um espetáculo como *Não aprendi dizer adeus* ensina, diverte e transforma dogmas e tabus na arte de provocar pela diversão.

Essa inversão própria da comicidade, invertendo estruturas de poder, é trabalhada de modo muito inteligente por Salomé, quando escolhe como tema a morte. Tratada filosoficamente ao longo da história, dada a impotência humana diante dessa verdade absoluta que é a finitude e o imponderável da vida, abordar essa temática atribui profundidade singular à obra. Um dos pontos marcantes é a capacidade de Bárbara garantir a participação do público. Ela propõe alternância em dois momentos-chave que se completam. O primeiro a troca de lugares entre pessoas do público, como justificativa ritual para equilibrar as energias. Mais adiante, depois de simular estar em uma balada, começa a flertar com homens, escolhendo um para sentar ao seu lado em cena. Daí vem a principal troca de papéis para tentar escapar da morte. Truque que após algumas tentativas fracassa, então é exposto o infortúnio na roda da vida de Leila. Ela terá de enfrentar seu destino.

A partir dessa virada, Leila narra o lado bom e mau, as visões fantasmagóricas se apresentam mais fortemente, e o que antes era espectro se materializa em sua derrocada triunfal dos últimos momentos de vida. O jogo dialético vida e morte, fortuna-infortúnio vai sendo portanto relativizado, levando o público a reflexões acerca da relatividade da vida e dos pontos de vista para com as formas de enxergá-la, porém sem idealismos. Como se não bastasse tamanhas habilidades artísticas de Bárbara e sua equipe, mostrando domínio corporal-intelectual-técnico-poético, a artista mostrou que o jogo se mantém como principal característica do sucesso de uma obra, que é sempre um dia de cada vez, único e irrepetível. Nesse dia, ela brincou com a criança, criando um código para os pais para avisar sobre possíveis cenas "picantes", e jogou lindamente com a intérprete de libras: "o que é isso, você está mancomunada?" referindo-se à prática como algo diabólico. Assim, mesmo após o apagar das luzes, ficarão eternizadas as emoções sentidas, e o nariz da palhaça Leila Simplesmente Leila, pairando no palco do Festivale e nos palcos do mundo real e dos mundos imaginários.